

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 3.º

1.º DE FEVEREIRO DE 1846.

27.

## MINAS GERAES.

S. MIGUEL DE MATO-DENTRO, OU DE PIRACICABA. (A)

(St. Hilaire.)



**S.** Miguel, freguezia da provincia de Minas Geraes, no municipio da recente villa do Ribeirão de Santa Barbara, de que dista 5 a 4 leguas, a leste de Sabará 14, ao sueste de Caeté 16, ou 11; 12 ao sudoeste de Marianna, e 92 do Rio de Janeiro, está na latitude do meio-dia a 20º; isto é, na zona equatorial a 560 leguas brasileiras de 18 em grão distante da linha, e aos 3º, 50', ou 63 leguas do tropico do sul.

O rio Piracicaba, serpenteando num

valle, que lhe serve de leito, divide, e banha o arraial, que se acha situado, junto a huma cordilheira de morros, nas duas margens do mesmo rio não longe da confluencia, que este faz no de S. Francisco. A ponte, que atravessa o Piracicaba, estabelece huma comunicação entre os habitantes das duas margens. Cinco igrejas se erguem entre as casas do arraial, e os grupos de bananeiras, que em todos os lugares se apresentam, contribuem a realçar a paisagem, tornando-a sumamente pittoresca.

Os mappas da população da parochia de S. Miguel no anno de 1846, forão organizados com a maior exactidão, e intelligencia pelo guarda-mór Lotario.

(1). Ampliamos este artigo, com as descrições que podemos colher de alguns autographos do illustre litterato e sr. Antonio da Rocha Franco.

População da parochia de S. Miguel em 1816.

|       |           |      |
|-------|-----------|------|
| Sexos | Masculino | 5824 |
|       | Feminino  | 5125 |

Total. 10949

Longa idade nesta população.

### SEXOS

Masculino. Feminino.

|                 |     |    |
|-----------------|-----|----|
| De 70 a 75 ans. | 134 | 95 |
| — 75 a 80       | 124 | 80 |
| — 80 a 85       | 54  | 47 |
| — 85 a 90       | 17  | 28 |
| — 90 a 95       | 5   | 7  |
| — 95 a 100      | 0   | 1  |
| Acima de 100    | 1   | 0  |

Neste arraial o numero dos nascimentos regularmente excede ao dos obitos. O total da população, 10949 individuos, comprehende 4867 escravos de ambos os sexos.

As fabricas de ferro, de que abunda o Morro Agudo, mantem este arraial, ha muito tempo victima da decadencia; e entre aquellas fabricas é mui digna de especial menção a de que é proprietario Mr. Montevade, estabelecida a duas leguas do mesmo arraial.

O sr. Rocha Franco, nos seus artigos ampliativos ao dictionario topographico do Brasil, pelo exm. sr. senador José Saturnino da Costa Pereira, tributa merecidos encomios ao systema economico, e philosophico, que preside aos trabalhos do nobre proprietario francez, empregados não só no seu

utilissimo estabelecimento fabrical, como tambem na propria plantação, a que se dedica como intelligente agricola.

*Furto caracteristico de hum dos mais ricos mineiros desta provincia.*

Não publica St. Hilaire o nome do homraço mineiro, que commemoramos; menciona porem o de seu filho, o capitão Antonio Gomes de Abreu e Freitas, em cuja casa recebeu por longo tempo a mais dissongeira hospitalidade durante a sua assistencia em Itajuru.

O pai do capitão Antonio Gomes, diz St. Hilaire, tinha sido hum dos mais opulentos mineiros da provincia; e eu vi em St. Quitéria huma escavação, que o fez possuidor de tres milhoes de cruzados. Julgando a sua mina inexaurivel, prodigalisava o ouro á medida que o extrahia da terra; se elle tinha de concorrer a hum baptizado como padrinho, brindava sua comadre com hum donativo de dez mil cruzados; e sem reflectir no futuro, liberalisava sumptuosos festins. Contudo, em pouco tempo perdeu quinhentos escravos; a sua mina tornou-se exhausta; desapareceu sua brilhante fortuna, e seu filho achou-se na necessidade de se dedicar ao commercio para resgatar a herança de seu pai.

Tal é a historia da maior parte dos mineiros do Brazil: contudo bem poucos homens ha de quem se possa citar hum facto similhante aquelle, que honrou a vida deste homem probo.

Tendo sido encarregado de observar a conducta do administrador de huma habitação, este, para se desembaraçar de tão importuna vigilancia, denunciou-o como assassino de hum homem, que com effeito havia desaparecido. A força de pesquisas o nosso mineiro descobriu que o individuo, de quem o accusavão assassino, havia-se retirado para o interior da provincia de Goyaz; e a todo o sacrificio, e despeza conseguiu fazê-lo regressar. O denunciante, convencido de calumnia, perdeu o seu emprego, e cahio na mais profunda miseria.

Mas o calumniador conhecia o character generoso daquelle a quem intentava perder; implorou portanto o soccorro do proprio offendido, e o offendido o protegeo com magnanimidade até ao ultimo momento de sua vida.

Se o capitão Gomes não herdou a fortuna de seu pai, delle herdou suas virtudes. O capitão Gomes é com effeito hum dos homens mais respeitaveis, que tenho encontrado na minha vida. É impossivel haver hum melhor pai de familia; amar tão decididamente a paz, e a justiça; ter huma alma mais pura, e huma piedade mais sincera. Fez os es-

tos estudos no seminario de Marianna, comprehende perfeitamente o latim, italiano, e francez; e a sua conversação é tão agradável quanto espiituosa

## POLHEPIAS.

### A IRMÃ DA CARIDADE.

(Continuado do n.º antecedente).

O conde e a comtessa de Kicoloff receberam Clementina com agrado, e nos primeiros dias até chegão a dar-lhe algumas vezes o nome de filha: parecia ter-lhe perdoado a posse de hum titulo que ella havia obtido á custa de tantos e tão raros sacrificios. Porém, desgraçada menina! seus pezares não estavam ainda acabados; reservava-lhe o céu novas provas para afortificar na desgraça. Aleixo, procurado e festejado por todos os senhores ricos e poderosos do districto, começou a vê-la com indifferença logo que esfriou a admiração que ao principio havia excitado, ou antes logo que novas e mais brillantes formosuras começaram a deslumbrar seus olhos e tocar seu coração. Esta deslealdade de Aleixo dava-se muito com o orgulho da familia para que não fosse por ella acolhida. Deixavão a pobre Clementina dias inteiros só no seu quarto, como huma pessoa estranha de quem se não fazia caso. Não na aceitado para companheira do proscripto, mas não como esposa do nobre conde; e a familia não tratava já de disfarçar a vergonha que sentia de tal alliança, e o pejo que lhe causava huma mulher de tão desigual condição. Clementina percebeo facil-

mente tudo isto, e quiz ainda procurar o ultimo refugio e conforto em hum coração que por tantos titulos devia ser todo seu; porém esse coração estava já inteiramente fechado para ella: a ternura e a gratidão o haviam desamparado, para o deixar todo livre para a ambição. Contudo, ainda Alexo a entreteve por algum tempo com promessas e protestos; mas não tardou muito o fatal desenganho. Hum dia pela manhã, a infeliz Clementina recebeu no seu quarto a intimação de que o seu casamento com Alexo havia sido annullado, e que devia renunciar para sempre o titulo de sua esposa!

Aqui não me foi já possível conter a minha indignação, e exclamei:

— Villãos, vis e cobardes!

— Sim, senhor, replicou a irmã Magdalena com a maior commoção, razão tendes para dizer que tal procedimento foi baixo e cruel, e por certo que mais custoso de supportar que os trabalhos da proscricção e os desertos da Siberia; cobarde tambem foi essa gente em abusar assim da fraqueza de huma pobre mulher sem amparo nem protecção. Debalde tentou ella enternecer com suas lagrimas e seus rogos aquelles peitos de bronze. Alexo, o mesmo Alexo a quem a infeliz tantas provas havia dado de hum amor puro e desinteressado, a repellio de si com dureza prohibio-lhe de apparecer mais em sua presença, temendo sem duvida que os remorsos da consciencia o arguissem a sua vista de tão barbaro proceder. Preparava-se já tudo para o seu casamento com huma nobre e opulenta herdeira; e que peso podião ter os direitos de huma pobre rapariga estrangeira e desvalida? De que lhe serviria a ella querer arrostar-se com o valimento e immensas riquezas de familias illustres e poderosas? Augmentar sua vergonha fa-

zendo publico o seu opprobrio; quanto mais que o amor e os cuidados de Clementina podião ser recompensados com ouro. Ao menos assumo julgá-lo elles, e forao generosos na somma que offerecerão a titulo de recompensa, com a condição de que voltaria sem demora para a sua patria... Para a sua patria? Por ventura tinha ella patria? Ah! que terieis v's feito, senhor, no lugarda desgraçada!

— O que teria feito? Teria recusado com indignação essas ofertas e vergonhosas offertas; teria appellado para as leis, para o tribunal proprio imperallos; teria coberto esses indignos da vergonha e despreso que mereciao.

— Sem duvida poderia ella ter feito isso, se as suas vozes houverão chegado aos ouvidos do Czar: por ventura que na sua indignação teria elle relogado o perdão que tanto trabalho havia custado a conseguir; acaso teria Alexo de ir habitar de novo os desertos da Siberia, sem huma terna e fiel amiga que lhe adogasse como da outra vez os seus horrores e lhe alliviasse a sua solidão. Porém Clementina queria justiça e não vingança; queria appellar para o coração de seu esposo e não para as leis; queria a revogação da terrivel sentença mas recusava solicitar dos tribunaes a ratificação de hum titulo que Deos lhe havia concedido junto aos mares, quanto mais que nunca ella consentiria em conservar-se por força da lei no meio de huma familia onde era desprezada, aborrecida e aviltada. Não havia já no mundo felicidade para ella, pois só tinha vivido para amar Alexo. Rejeitou pois com dignidade as offertas dos dinheiros que se lhe fazião, e sahio do palacio de Kisoloff ainda mais pobre que seis annos antes, quando o deixou pela primeira vez. Recolheu-se em uma pequena casa da vizinhança;

ga em quanto não tinha a occasião de se pôr a caminho; e allí teve de presenciar todas as festas, banquetes e saras os que se fizeram pelo casamento do joven conde. Dera-lhe Deos valor para não murmurar contra as determinações da providencia, e ainda para rogar pela felicidade do homem que a havia abandonado; porém a vista desse homem ao lado da sua nova esposa, era superior as suas forças, e ter-lhe-hia talvez custado a vida. Assim passados alguns dias, e logo que sentio hum pouco acalmada a agitação do seu espirito, deo-se pressa a deixar aquella fatal cidade, donde era já segunda vez que sovia ignominiosamente repellido, e voltou a França. Deos, que a havia guiado e sustentado no meio de tantas afflicções, lhe abriu por fim os braços, e a recebeu no seu serviço. A amargura da sua dor vai diminuindo de dia em dia, e já hoje a desgraçada se acha naquelle estado de que vos fallei no principio da minha narração; que, se não podemos esquecer, podemos perdoar.

— Minha irmã, lhe disse eu observando-a attentamente, onde está essa Clementina de quem me haveis contado a historia tão interessante quanto lastimosa? Não veste ella o mesmo habito que vos cobre? Não se tem dedicado a assistir aos enfermos e consolar os afflictos? Não se dá o caso que eu a conheça?

A irmã Magdalena afastou-se sem me responder. O meu coração estava cheio de admiração e de lastima á vista de humia resignação tão exemplar, e com voz abafada pela emoção exclamei

— Pobre Clementina!

Seus olhos achavão-se fitos no chão, e cruzando as mãos sobre o peito, ella repetio debilmente:

— Pobre Clementina!

Tinão passado mais de dous annos, e achava-me eu nas aguas de Wisbaden.

Entre os muitos estrangeiros de distincção que diariamente enchão os salões do estabelecimento, havia um joven Russo a quem chamavão o barão d'Ostrolow, cujo af' triste e abatido se fazia notar: não jogava, não dansava, nem tomava parte em alguma dos passatemplos com que se costumava allí occupar as tardes e as noites. Via-se que elle frequentava os salões, não para divertir-se, mas para distrahir-se com o seu boicio de alguma profunda dor, que o roia. Esta disposição melancolica casava-se muito com a minha para que me não despertasse humia certa sympathia para com o barão. Humia noite que elle estava sentado só no tào de humia janella, aboruto, segundo parecia, em seu triste pensar, cheguei-me para aquelle lado, e occupei humia cadeira que estava vazia ao seu lado.

— Pareceis-me incommodado, sr. barão, lhe disse eu com tom amigavel e affectuoso.

— Não mais que de costume, me respondeu: esta tristeza é em mim tão habitual como invencivel.

— Resultado sem duvida do vosso padecimento?

— É certo.

— E não tendes achado melhoras com o uso das aguas?

— Não faço uso dellas, nem vim a Wisbaden para esse fim. Vim aqui por não ter outra parte para onde ir.

— E não contaes voltar tão cedo para a Russia?

— Nem eu sei. Por ora não tenho pensado nisso.

— Se não temera importar-vos, far-vos-hia humia pergunta.

— Fallei francamente: terei gosto em satisfazer-vos.

— Conhecêis acaso hum vosso compatriota, o conde Aleixo de Kisloff?

O barão estremeceo e mostrou humia forte agitação: olhou-me algum tempo em silencio, e por fim disse

com voz pausada:

— Tendes delle algum conhecimento?

— Eu, não, senhor, porém conheci em França pessoa que teve com elle muitas relações.

Tornou, a ficar em silencio, alhandome com ar inquieto e indagador; depois pareceo reflexionar profundamente; a final responde-me com tom decisivo:

— O conde Alexio de Kisloff sou eu; o nome de Ostrolov cam que viajo, não é supposto, é outro título de minha familia. Agora podereis fazer-me a graça de dizer, quem é essa pessoa de quem fallastes?

Pela minha vez tambem eu fiquei em silencio: esta inesperada declaração sorprende-me. Não desejava eu offender o conde, e não sabia como elle tomaria o que eu poderia dizer-lhe.

— Então, senhor, tornou elle com visível commoção, não me direis quem é essa pessoa?

— Humza senhora que esteve na Russia, e conheceu ali a vossa familia. He respondi com alguma hesitação.

— E chamava-se...

— Não sei se devo... essa vossa agitação... talvez que...

— Oh, nada, tendes que receiar por mim.

E pegando-me da mão e pondo-a sobre o seu peito, continuou:

— Bem, senão como elle bate-l'oh por compaixão, o seu nome?

— E não vo-lo está dizendo o vosso coração?

— Clementina?

— Sim, senhor.

— E onde está ella?... vive?... é feliz?

— Feliz e podeis vós julga-lo?

Mas, sr. conde, acalmat a vossa agitação. Vede que estamos rodeados de curiosos... Se quereis ter a bondade de acompanhar-me a minha habi-

tação...

— Sim, vamos.

Eu referi ao conde de Kisloff a historia, que dois annos antes me havia contado a irmã Magdalena, a qual tanto me commovêra e tão tristemente impressa me ficara na memoria: os signaes que lhe dei desta irmã da caridade não lhe deixaraõ da vida alguma, assim como eu, a não tinha, de que era ella a mesma Clementina. O conde resolveo partir para Paris, no dia seguinte, e pediu-me instantemente, que o acompanhasse, visto ter-lhe declarado, que só viera a Wisbaden para divertir-me. Não tinha eu duvida nisso, e até desejava contribuir, quanto em mim fosse, para a ventura da pobre Clementina, restava porém, hum ponto a esclarecer, e eu disse ao conde:

— Mas, senhor, a vossa familia, a vossa esposa?

— Oh, desculpai-me; deveria ter-vos já dito que estou livre para reparar o mal que hei feito. Minha esposa, se é que ella o foi, pois duvido agora que podeseam ser desfeitos os primeiros laços que havia contractado, ante os altares, mas, enfim, a minha esposa, depois de tres annos de uma união que o seu orgulho e dissipação me tornaraõ insupportavel, morreo victima de seus desgramentos. Oh! ella com seu proceder vingou, bem aquella que por sua causa eu havia tao indigna e barbaramente abandonado.

O conde continuou a contar-me tudo que se passara depois da partida de Clementina. Elle amava a sem duvida; porém a inconsideração da mocidade, a seducção dos attractivos da confessa, a força da ambição e do orgulho, e os conselhos e suggestões de seus paes, o haviam cegado por algum tempo; tinha sido mais fraco que criminoso. Mas pouco a pouco o prestigio se desfez, a

venda rasgou-se, e o amor e a gratidão recobráo seu imperio. Sua mesma familia se arrependera da parte que lhe havia tomado nesta injustiça; e foi com o seu inteiro consentimento que logo depois da morte da condessa elle partira para Paris em procura de Clementina. Debalde empregou naquella capital as maiores diligencias para a descobrir: ninguem soube dar-lhe noticia d'ella. Os remorsos da sua consciencia, a consideração de seus desvarios passados, a lembrança desses trabalhos e desgostos abatêrao por tal modo seu animo, e lhe infundirao tão profunda tristeza que tinha resolvido viajar por algum tempo para ver se podia distrahir-se. O nosso encontro nos banhos, e a conversação que acabavamos de ter, mudavão inteiramente o curso de suas idéas. Elle só pensava em chegar a Paris, abraçar Clementina, e obter della o seu perdão e a restituição de seu amor.

Tendo chegado a Paris, mandei logo ao recolhimento das irmãs da caridade perguntar pela irmã Magdalena: respondêrao que estava há tempos de cama, perigosamente enferma. Dirigi-me alli com o conde de Kisoloff, e tendo obtido licença da superiora, fomos introduzidos. Pedi ao conde que ficasse só no dormitório até que eu o avisasse: e entrei na cella da enferma. Achei-a num estado bem capaz de inspirar receios; conheço-me todavia, e perguntou-me que estantio motivo alli me conduziria. Outra irmã, que lhe servia de enfermeira, deixou-nossos, e então eu lhe disse:

— Devo-vos muito agradecimento, senhora, e inspirastes-me muito interesse para que eu não procurasse informar-me pessoalmente da vossa saúde.

— Espero que não soffrerei muito tempo.

— E tambem eu o espero, senho-

ra: ha remedios taes, que fazem curas promptas e milagrosas.

— Certamente, a morte.

— Não, senhora, não é da morte que se trata agora, mas de viver, e viver feliz. Huma noticia trago eu que sem duvida vos será muito agradável. Aleixo de Kisoloff está viuvo.

— E isso que me importa?

— Muito; porque não só está viuvo, mas sinceramente arrependido da ingratiidão com que vos tratou, e impacientissimo de a reparar.

— É facile.

— Não. Clementina, exclama o conde entrando na cella: é tempo, é tempo ainda de merecer o meu perdão e obtê-lo; aqui a seus pés o supplico.

E ajoelhando á cabeceira do leito da enferma, levantava para ella seus olhos e suas mãos supplicantes.

— Aleixo!... Aleixo!... exclamou a infeliz Clementina.

E este grito doloroso lhe cortou a voz. Huma tão forte commoção era superior ás suas forças. Cahio em um completo deliquio.

Chamarão-se as irmãs da caridade, e mandou-se á pressa buscar o medico, que chegou dali a pouco. Interrogaei-o em particular, e disse-me que poucas horas reatavão de vida a infeliz; a violentissima commoção que soffrêra lhe havia apressado a morte, que todavia em poucos dias se poderia ter demorado.

Tentei levar dali o conde, mas não quiz consentir: não se afastou mais da cabeceira da doente. Toda a noite se passou assim. Pela madrugada Clementina recobrou os sentidos, e pareceo tão sosegada e tranquilla, que o conde, que ignorava o seu estado, a julgou livre de perigo. Contou-lhe o que se havia passado, como tinha expiado duramente o seu erro, e pediu-lhe com lagrimas o seu perdão. Ella lho concedeo estendendo-lhe a mão com bondade e ternura.

Esta volta do mesmo dia começou a vomitar sangue e a pallidez da morte se derramou sobre suas feições.

O conde, no auge da afflicção, parecia querer disputa-lhe a sepultura.

— Clementina! Clementina! exclamou desacordado; vive para o teu esposo, para o teu amante. Seremos ainda felizes.

— Lá... balbuciou, apontando a custo e levantando para o céu os olhos com huma doce expressão de júbilo e de esperança.

E logo seus olhos se fecharam, e sua mão cahiu para o lado. Tinha deixado de existir.



## HUMA ALMA DO OUTRO MUNDO.

### I.

Meu caro Senhor, sei que tendes huma linda casa de campo, que perfeitamente me convém: desejo alugá-la. -- Essa casa de campo... sim, senhor, é uinba; mas não a alugo. -- respondeo hum velho ao elegante cavalheiro que lhe fallava. -- E por que? -- Por que, Senhor, tornou o outro, chegando-se com mysterio e fallando baixo, já tenho soltado muito dos inquietos. Chamão-me feiticeiro, dizem que tenho pacto com o diabo e... Como assim? -- Já vos conto, continuou elle olhando para todos os lados; apparecem fantasmas e asseguram mesmo que tem desaparecido objectos que nunca mais se achão!!... Huma senhora gravemente enferma quasi que se achava restabelecida n'essa agradável habitação, quando recabio perigosamente o morreo d'ahi a dois mezes, fallando sempre, nos seus delirios, em huma alma do outro mundo, que tinha visto em seu quarto. Outra, que se quis fazer de animosa, eudou

deu a falla. Bem vedes que não ha interesse que me obrigue a causar novas desgraças... -- Perdoai, que vos interrompa, meu amigo; o que dizeis n'isto me excita a querer a vossa encantadora quinta para nella passar o verão.

— Que dizeis, senhor?... quereis arriscar-vos?

— Dai-me a chave: esta noite lá dormirei só com este criado que me segue. -- O velho foi tremendo o esboço ao joven cavalheiro, rosnando entre dentes: -- Virgem Maria! Que temeridade! Isto é tentar a Deus.

### II.

Deixemos o pobre homem com o seu medo d'almas do outro mundo, e vollemos nossa attenção para huma pequena camera de formosissima quinta nos arredores de Paris. Ah! se achavão hum joven elegante, reclinado sobre hum sofá e huma linda moça de quinze annos, fresca como huma rosa, viva, graciosa, e que ria-se com todo o gosto possível, havia hum quarto d'ora, fazendo huma boa segunda ao seu amavel companheiro.

— Mas, dizei-me, bella alma do outro mundo, disse finalmente o joven conde de S... alisando com dous dedos atilados o seu pequeno bigode negro, hum pouco desarranjado, havia alguns minutos, dizei-me como podestes abir este sourbo na parede e cebril-o com esse grande quadro de Tiziano? -- Eu te conto, respondeo ainda rindo a alegre Paulina. Morou aqui alguns mezes o general G... com sua filha, moça encantadora, que me inspirou a mais viva amizade: como minha tia, devota consumada, não consentia que eu tivesse relações com pessoa alguma, re olvemos eu e ella abrir esta fenda na parede por detrás dos cortinados da cama: tudo isto na ausencia do general e as escondidas da



minha tia. — Mas como foi possível que os outros inquilinos não te podessem descobrir? — Eu te digo. Quando eu suppunha que todo o mundo dormia, era então que vinha fazer minha vida. Deveria-me eu pregar algumas peças à gente de casa. A uns escondia-lhes a caixa de rapé; tirava a outros o livro que tinham na estante; e se alguém acordava, de prompto apagava eu a luz, saltava pela fenda e punha o quadro, em quanto a pobre dama assustada tocava com mão tremida a campainha. — E tua tia nunca soube disso? perguntou o conde apertando com ambas as mãos a delgada cintura da bella fantasma. — Nunca, nunca. ... responde ella falando com ligeireza para traz e continuando sempre a vir.

— Terei hum verão delicioso, pensou o conde, fitando os seus olhos nos olhos negros de sua visita nocturna e admirando a doçura cheia de fogo que os animava: fico com a casa. Nem terei que aturar os cismes da coudessa, nem os sermões de minha mãe.

### III.

Facil é acreditar que o amavel alugador da quinta a quiz tambem para o verão seguinte e para todos os verões.

Huma bella noite depois de hum passeio pelo jardim, achavão-se os nossos dous imprudentes na mesma camara mysteriosa, entregues ás delicias de hum amor, que durava havia dous annos.

Tanto tempo tinham-se occupado das almas deste mundo, que nessa noite tiveram vontade de fallar nas do outro. Depois de terem exaurido todas as reflexões, que communmente se fazem sobre tal assumpto, de se terem contado as anedotas de almas que apparecerão a sua avó ou alguma tia velha, lembrou-se finalmente o conde da deliciosa visão que tivera e que

tanta realidade tinha nesse momento.

— Como bate tão fortemente o coração desta alma do outro mundo, disse elle, apertando-a nos braços: como enrubecerão as suas lividas faces! Como tanto brillão seus olhos baços!... E esta mão gelada, como aperta a minha com tanto calor!... E quantos males causou esta linda fantasma! — Males? Nemum, acudio ella vivamente — Nem-hum? E a mulher que enadondeco? E a outra que, estando já ponhente e ente, morre d'ahi a alguns mezes? E o menino que perdeu a falla? — Que dizes, Alfredo! De que menino fallas? Ignoro tudo isso! . . . Por acaso seria eu que motivei a recalhida dessa boa senhora! ... Que causei essa honcura que sempre attribui a diversa origem? Oh! céos! exclamou, levantando-se espavoiada; Alfredo! fallas seriamente? ... Dize, meu anjo! meu amor! não te fias desse modo que me desesperas. Fallas com sinceridade? — Assim me contou o proprietario desta casa: não te assustes porém a ponto de perder quasi os sentidos, minha querida, não devo eu a minha felicidade a essa boa lembrança? ... E depois, tudo isso aconteceu, ha tanto tempo! Agora só devemos pensar em amar nos —

Aprezar dos cuidados do conde, do seu amor, e das distrações que lhe procurava, fallando em cousas diversas, fazend'he leituras agradaveis, quando se achavão juntos, Paulina cahio em profunda melancolia: estremecendo a cada momento, recuando tomar alimentos, tornando-se pallida e triste, attrahio assim a attenção de sua tia, que logo suspeitou, que a atormentava alguma inclinação secreta.

### IV.

— Quanto me arrependo de te haver contado as impertinencias do meu velho dono da casa! dizia o conde huma noite, contemplando o rosto de Paulina: tu emagreces a olhos vistos; estas de

todo mudada! Até julgo que já me não amas tanto — Paulina sorriuse triste, mas suas faces se inundarão de lagrimas. Encostou seu rosto pallido ao hombro de seu amante, e ambas ficaram em silencio por muito tempo. Erão duas horas da noite: o mais profundo socego reinava em toda a casa; e só era interrompido de vez em quando pelo piar das nocturnas aves ou pelos sibillos dos ramos das arvores que o vento empurrava de encontro ás gelosias.

De repente, Paulina estremece e olha espavorida para o quadro. — Não é nada, disse o conde sorrindo; para que te assustas sem motivo? — A moça torceu a cabeça no hombro de Alfredo, e tomando-lhe vivamente a mão levou-a ao seu coração que batia como se quizesse despedaçar-lhe o peito. Sempre criança! sempre em tudo exagerada! Socega e fallamos d'outra coisa — Paulina quiz responder, mas desta vez o susto lhe tirou a voz. Estendeu a mão convulsivamente, e escondeo o rosto no peito de Alfredo. Elle seguiu a direcção do signal que lhe fora feito. O grande quadro do Tissiano movia-se vagarosamente!!! O conde quer procurar suas armas mas não se pôde arrancar dos braços de sua amante, que o aperta convulsa. Elle observa pois o quadro que se vai levantando, deixando ver gradualmente hum phantasma pallido, vestido de branco, e com grandes sobrancelhas negras, com severidade carregadas!

A infeliz não pôde reconhecer sua tia, que tendo finalmente descoberto o segredo, vinha buscá-la no lugar do crime para que a sua justiça ali fosse applicada.

Paulina já não ouvia, nem via coisa alguma. Ella rolava sobre o tapete em convulsões horribes, agarrava-se aos moveis que encontrava e os despedaçava com huma força sobrenatural. Durou hum quarto de hora essa crise; e a infeliz que lhe servio de mãe recebeu por fim em seus braços hum cadáver.

V

Virão no dia seguinte o conde de S. . . vestido de luto, com os braços cruzados, e a cabeça caída sobre o peito, ir entregar a chave da quinta ao velho proprietario.

A quinta ha oito annos está fechada, e a gente dos arredores, quando passa por ella, benze-se.

## AGRICULTURA

### CONHECIMENTOS NECESSARIOS AO

#### AGRICULTOR.

**T**RES cousas são necessarias para a prosperidade da agricultura: 1.º a instrução: 2.º os capitães: 3.º que estes capitães encontrem na agricultura mesma hum emprego vantajoso.

Examinemos estas tres condições da prosperidade dos nossos agricultores.

Cumpra que o agricultor tenha educação, que o não deixe ás escuras ácerca do methodo do seu trabalho e dos interesses que d'elle pôde derivar — aliás ver-se-ha preterido por aquelles que se tenham dado ao estudo dos meios necessarios para produzir com a maior economia, maior somma de valores. Entre estes, aquelles que preenchem os seus fins, podem vender por muito menos do que esses, que produzindo muito e mal, de maneira alguma podem competir: eis huma causa dos prejuizos dos lavradores.

A educação do agricultor é por outro lado muito vantajosa, não só para elle, ensinando-lhe a recolher o mais que puder do terreno ao qual applica o seu trabalho e os seus capitães: mas tambem para o paiz e seus habitantes em geral, porque quanto mais produzir o terreno, tanto melhor serão todos provi-

dos das cousas mais necessarias á vida. Hum dos principaes cuidados do Governo deve pois ser instruir os lavradores, não com as noções pedantescas de que abundão os lyceos, onde os estudantes passam longos annos a estudar materias, que não lhes proporcionando de futuro utilidade alguma, os infatuão a ponto de os persuadir que estão aptos para tudo e que nada ignorão, pois lêem Homero e Virgilio. Não é tal genero de estudo que convem aos agricultores; devem familiarizar-se com os conhecimentos relacionados com a sua occupação, e não com aquelles que só os podem impedir a aspirar á situação que jámais atingirão; e que entregarão ao desespero, e muitas vezes ao crime, a mór parte daquelles que abandonem os campos para buscar fortuna no seio das cidades.

Só ha hum remedio para este mal — apr prior as educações ás precisões presumiveis daquelles que as recebem. Bem é que o lavrador receba hum completa instrução primaria, e ao mesmo tempo moral e religiosa — e aquelle que se destinar a dirigir plantações, deve ter hum instrução superior á do outro; não o estudo do Latim, do Grego, da versificação e da Litteratura, tudo o que seria para elle inutilidade; mas o estudo da propria agricultura, e dos principios das Sciencias com ella em harmonia, v g, algumas noções de Mathematica e Desenho, alguns elementos de Physica e Historia Natural, com especialidade principios de Botanica, Zoologia, Hygiene. Convem que hum proprietario ou lavrador principal saiba fazer os seus assentos, levantar o plano de hum terreno, traçar e dirigir a construção rural que lhe for necessaria, e tratar dos seus animaes e suas colheitas. Ser-lhe hia sem duvida prejudicial ter luzes que o esperançassem em alcançar huma occupação, — que elle reputasse mais brilhante porém susceptivel de escapar-lhe, o que contribuiria para o fazer desgraçado, e

tenderia a torna-lo inimigo da sociedade.

E por outro lado, se o gosto da agricultura se perdesse naquelles, aptos para receberem huma cuidadosa educação, hum mal deploravel resultaria á agricultura; porque esses, em estado de dispender para adquirir os conhecimentos da natureza puramente scientifica, são ordinariamente aquelles que tem mais capitães a applicar aos melhoramentos agricolas.

Alargar das occupações campestres os mais aptos a instruir-se, e applicarem as suas luzes aos progressos ruraes, e por embaraços á mais util industria, é paralisar os meios productivos em huma sociedade sempre tendente a augmentar.

Para incitar o capitalista a dedicar os seus fundos á lavoura, é necessario honrar o agricultor, e proteger os seus esforços.

Respeitar e distinguir os lavradores é a base da politica de hum grande povo, que só com este principio pôde desenvolver o seu commercio. Confirã-se pois aos agricultores as condecorações dadas aquelles notaveis nos outros ramos das Artes e Sciencias, inclusive a de destruir a nossa especie; e legisle-se de modo que possamos sustentar concorrência com os estrangeiros, e não fiquem os nossos productos de parte pela barateza dos alheios.

#### O PIRATA CHILENO BENAVIDES.

Nasceo o pirata Benavides na Cordeiro, cidade do Chile, onde servio por alguma tempo no exercito independente, abandonando-o depois para se passar aos realistas. Seu caracter era feroz. Havendo ficado prisioneiro em 1818 na batalha de Maypo, os independentes o condemnarão á morte, assim como a seu irmão e a muitos dos seus companheiros, como desertores e assassinos convencidos de muitas mortes. Os criminosos

forão conduzidos a Santiago e ali fuzilados. Benavides ficou apenas ferido gravemente á primeira descarga, e teve bastante presença de espirito para se fingir morto. Os cadaveres forão levados e expostos aos *gallinazos*, especie de arbutres. O sargento encarregado desta ultima cerimonia era inimigo pessoal de Benavides, porque este havia assassinado hum parente seu. Para satisfazer barbaramente sua vingança, esse sargento puxou da sua espada e deu-lhe duas cutiladas. O intrepido Benavides soffreu tudo sem se mover e ficou até á noite entre os cadaveres. Então forcejou para se salvar, e conseguiu chegar no mais deploravel estado a huma cabana vizinha, onde foi recebido e tratado generosamente.

Restabelecido das feridas, poz-se á frente dos indios insurgentes; reuniu forças consideraveis, e com ellas fez muitas incursões, causando immensos danos aos Chilenos, cujas tropas estavam então todas concentradas para a expedição do Perú. Seus primeiros successos lhe inspirarão ambição e o desejo de ter huma marinha. Apoderou-se de algumas lanchas inglezas e americanas, cujos marinheiros, sem desconfiança estavam occupados em fazer aguada na costa; armou estes barcos e enviou os a pedir soccorros ao governador realista da ilha de Chiloé. Este forneceu-lhe sete ou oito peças de artilharia, munições e hum reforço de soldados; e pouco depois Benavides se apoderou de hum brigue americano carregado com mil espingardas remetidas do Rio de Janeiro para Lima. Então organisou hum exercito e desenvolveo na sua nova posição muito talento e coragem. Os chuchos e arpées dos navios baleeiros que havia tomado transformárão-se em lanças para a cavallaria, e alabardas para a infantaria; as vélas servirão para vestir os soldados, os carpinteiros americanos construirão carretas e carros de trem: os espingardeiros concertarão as armas; enfim, de

tudo tirou partido. Mas saltavã-lhe trombetas para a cavallaria, e este inconveniente o contrariava muito. "Estes bravos", dizia elle, não quererão nunca ser dragões se não ouvirem o som do clarim. Finalmente, á força de pensar, imaginou fazer trombetas de algumas folhas de cobre que se acháão no fundo de hum navio apresado, e immediatamente resoarão em seu campo os sons deste instrumento bellico.

Então este intrepido partidario começou a invadir o interior do Chile, mandando sem piedade toda quanto encontrava na sua passagem. Os patriotas erão sobretudo objecto de suas barbaridades; não perdoava a nenhum, nem attendia a sexo ou idade. Nos seus numerosos encontros com as tropas independentes, mandou fuzilar todos os prisioneiros que fazia. Havendo cerendo com suas tropas hum batalhão inteiro, intimou-lhe que se rendesse, com a condição de salvarem as vidas; estes homens não tinham munições e estavam abatidos de cansaço; renderão-se, mas, apenas entregárão as armas, Benavides os mandou fuzilar sem piedade, não perdoando a hum só. Enfim, o governo chileno redobrou a sua energia, e este miseravel, successivamente batido em muitos combates, foi obrigado a embarcar para escapar á sorte que lhe estava destinada. No estado lastimoso a que se vio reduzido, salto de agua e de viveres, ou-ava ir á terra de tempos a tempos para se fornecer, e entrava na cidade sob o pretexto de conduzir despachos. Huma de seus companheiros o denunciou, e elle foi preso e condemnado á morte. Conduzirão-no ao supplicio n'hum cesto atado á cauda de huma mula, e foi enforcado na praça da Conceição a 23 de fevereiro de 1821. Cortárão-lhe a cabeça e as mãos, para serem levantadas em postes altos, nas cidades que mais tinham soffrido com as suas devastações.

## NUM CASAMENTO NA CHINA.

NA China, como as mulheres nunca apparecem á vista dos homens, e concluem-se os casamentos sobre o testemunho dos pais, ou de algumas mulheres velhas, que tem por officio tratar esta especie de negocios. As familias, dando-lhes presentes, convidão-as a fazer huma pintura agradável e até exaggerada, da belleza, esperteza e talentos de suas filhas; mas ordinariamente os homens não se fião muito no que ellas dizem, e até quando ellas enganão demasiadamente, e para assim dizer sem pejo, são então castigadas com toda a severidade.

No dia designado para as nupcias, sobe o noivo a huma carruagem puchada por hum boi, e vai ao encontro da noiva, acompanhado por muitos musicos que tocão arias maviosas e ternas. O cortejo é de grande pompa quando o noivo é algum mandarim, ou pessoa-gem de elevada posiçãõ na sociedade.

A' mesma hora mette-se a noiva n'huma especie de cadeirinha ornada com grande pompa, e seguida pelo seu dote; que de costume, nas classes inferiores, é humm certa quantidade de moveis, que seu pai lhe dà com o seu encheval que vai mettido em bahús. Entre os ricos, o dote é de vestidos sumptuosos e pedrarias de grande valor. Hum cortejo de homens allugados acompanha a noiva com fachos nas mãos, ainda que seja ao meio dia; a sua cadeirinha é precedida por pífanos, oboés e tambores, e seguida pelos seus parentes, e amigos da sua familia.

Hum criado de confiança guarda a chave da cadeirinha, e só n deve entregar ao marido, que espera a sua esposa a meio caminho da sua casa.

Quando se encontraõ, recebe a eha-ve das mãos do criado, e cobrindo a ca-

deirinha a toda a pressa, julga então e avalia a sua boa ou má fortu. Ha ma idas que, descontentes da sua sorte, tornão logo a fechar a cadeirinha, e recambião a noiva com todo o seu cortejo, preferindo perder a somma que de- rraõ, e rompendo assim o contracto; mas sempre se tomaõ precauções que fazem estes accidentes muito raros.

Tendo a noiva sahido da sua cadeirinha, fica o noivo ao pé della; passão ambos juntos para a sala onde fazem quatro cortezias ao Tien; depois ella faz tambem outras quatro aos parentes de seu marido, e por fim he entregue às senhoras convidadas para a festa, com as quaes passa o resto do dia em divertimentos, e nesse mesmo tempo o marido recebe e banquetêa os homens n'outra parte da casa.

*Nacarelle* conta muitas causas de divorcio, que não seriaõ admittidas em nenhum tribunal da Europa: 1.º Huma mulher falla-lora que se torna incommoda por este defeito, he sujeita a ser repudiada, ainda que seja casada ha muito tempo, e tenha muitos filhos: 2.º A mulher que não tem submissãõ a seu sogro e a sua sogra: 3.º A mulher que roubar alguma cousa a seu marido: 4.º A lepra he tambem huma causa de divorcio: 5.º Os ciúmes.

Na noite das nupcias he a noiva conduzida ao quarto de seu marido, e alli se acha em cima da mesa hum par de tesouras, linhas, algodão e outros objectos de costura, para lhe fazer conhecer que deve amar o trabalho e evitar a ociosidade.

A contar deste dia nunca mais vem os sogros a casa de suas noras. Quando vivem na mesma casa, nunca põem os pés nos seus quartos, e escondem-se quando ellas sahem delles. Os amigos e os parentes da familia não tem a liberdade de lhes fallarem sem testemunhas. Esta licença só se concede aos primos, quando elles são muito novos; mas os

que já principião a ter certa idade, nunca obtem hum favor desta natureza.

E' permittido ás mulheres sahirem algumas vezes pelo anno adiante para visitarem os seus mais proximos parentes, e a isto se reduzem os seus divertimentos e prazeres.

#### FESTA DOS VADIOS NA SUISSA.

Sobre a margem septentrional do Lago de Lucerna, e num angulo formado por duas montanhas, se acha situada a villa de Gersau, que formou, pelo espaço de quatro seculos, isto é, desde 1390 até 1798, hum pequena republica, a qual não continha mais de 1:300 habitantes, e onde a soberania era exercida pelo povo em massa numa a-sembléa geral que tinha lugar todos os annos. Esta republica, incorporada em 1803 ao Cantão de Schwyz, tem conservado alguns dos seus antigos usos — Cada anno dá a villa de Gersau hospitalidade, durante três dias, aos vadios, que na Suissa são expulsos de Cantão em Cantão. — A policia não tem direito algum sobre os mesmos vadios desde o sabbado até á segunda feira em que dura a sua festa — Na sexta feira á noite começa a chegar os fornieis d'aquelles infelizes para lhes prepararem pousadas, e no sabbado logo de madrugada, se dirigem para a villa grupos de individuos estarrupados, carregados de crianças e utensilios, os quaes tomão posse das estrebarias, colleiros e choupas de voto, e organisão á borda do rio as suas cozinhas — No Domingo pela manhã, depois da missa, forma-se em columna hum grande parte dos vadios, que vão, seguindo hum antigo costume, com hum soldado de policia (*Gendarme*) á sua frente, pedir de porta em porta, dinheiro e provisões — Esta columna mendicante não se compõe

senão de pessoas idosas, e de mulheres carregadas de crianças — Depois de terem feito o seu giro, voltaõ para o seu quartel, aonde os mais idosos principião a despregar, com hum actividade incrivel, todos os recursos da arte culinaria, em tanto que os mais moços estão dando nos selleiros immediatos. — Os velhos retiraõ-se para deliberarem acerca dos seus interesses communs: e as suas deliberações são secretas — Na segunda feira, os principaes d'entre elles dão hum banlé numa casa particular, e na terça feira pelas 6 horas da manhã, a maior parte d'elles põesse a caminho por terra, e outros embarcados. Nestes tres dias, em que a sociedade concede a sua protecção áquelles vadios, não commettem delicto algum, tanto estas atencões despartaõ nelles o ponto de honra.



#### O ACANHADO.

CERTO individuo apresentou numa casa mui distincta da cidade de Paris, hum cavalleiro de Provincia, o qual tinha todas as qualidades para poder apparecer no Mundo com distincção; porém era dotado infelizmente de extrema timidez.

O introductor foi o primeiro que entrou, seguindo-o o Provinciano; porém ao primeiro passo que este deu na sala, perturbou-o de tal modo a vista de hum numero de bellas e sociáveis, que não sem reparar, os pés entre o tapete e o sabbado; e não obstante hum tal obstaculo foi sempre andando, levando-o a diante de si, e deitando no chão todas as cadeiras que ia encontrando: — chegou ao pé da dona da casa com as pernas em voltas no tapete, esqueceu no momento em que ia cumprimentá-la; e cahiu quasi sobre ella; levanta-se; e pede mil desculpas, os ciadaes remedião immediatamente a desordem em que

tudo se achava: offerecem-lhe lã, e cordão; porém elle engana-se, e senta-se n'outra aonde estava a guitarra da senhora da casa, que faz em mil pedaços: muito lã de si, levanta-se, e vai sentar-se n'outra mais distante, porém esmagada infelizmente a cadeirinha da menina: então, a sua perturbação chega ao seu auge: e não vê outro partido a tomar senão o de retirar-se da sala sem dizer nada a pessoa alguma; com effeito, quando já sabindo precipitadamente, dá hum encontro na criada, faz-lhe cahir das mãos o taboleiro do chocolate que ia servir ás visitas, quebra todas as chiegaras, e entorna o chocolate por cima dos vestidos das Senhoras: vendo isto o seu amigo, deita a correr atraz delle para o fazer voltar para traz; mas o Provinciano já tihha desaparecido, e ainda o não pôde alcançar.



Pede-so-nos a publicação do seguinte.

CANTICÓ DA E. V. M.

A minha alma magnifica  
Ao Soberano Senhor;  
Meu espirito exultou  
Em Deos que é meu Salvador.

Porque sobre humilde serva  
Benignas vistas lançou,  
Eis que toda a geração  
D'á que Beudita sou.

Porque o Todo-poderoso;  
E o tao Sancto Nome seu,  
Graos prodigios e milagres  
Só por mim ao mundo deu.

E sua misericordia  
Nas gerações se verá,  
E, qual manto immensuravel,  
Aos que o temem cobri á.

Toda a sua omnipotencia  
No forte braço mostrou,

Com o proprio seu espirito  
Soberbos desbarato.

Da cadeira em que sentavão  
Poderosos fez cahir,  
Dando a mão que os ajudasse  
Os humildes fez subir.

Aos que fome padecião  
De bens encheu que os fartassem  
Aos ricos de ostentação  
Fez que os bens se evaporassem.

Da ignifita misericordia  
Não sabendo se esquecer,  
Ao servo Israel dignou-se  
Em seu seio receber.

Sem faltar ao promettido  
A' vossos paes Abraham,  
E pelos secl'os dos secl'os,  
A' sua alta geração.

( A. )



O PAINEL DAS 11 MIL VIRGENS.

Pedio certo individuo a hum pintor que lhe fizesse hum quadro que representasse as onze mil virgens, e ajustou com elle de lhe dar um tanto por cada humra. — D'alli a poucos dias, trouxe-lhe o pintor o quadro que representava uma igreja, da qual vinhão sahindo muitas mulheres, que elle dizia serem as onze mil virgens; porém, quando-as o sujeito, não achou mais do que cem, e lhe disse que tinha faltado ao que promettera, visto não estarem alli todas. — Mas V. S. não pôde ver as outras, respondeo então o pintor, por que estão dentro de igreja — Muito bem, replicou o outro; pois eu lhe pago o que ajustamos por cada humra das que cá estão fora, e o resto eu lh'o darei, quando as outras tiverem sahido.



## MANIAS DE ORADORES.

O HOMEM de grande força intellectual, ou de organização physica mais activa, não consegue assentar os pensamentos sem distracção senão dando ao corpo algum exercicio que parece indifferente, mas que he necessario. Até ha exemplos que provão que o orão completo da faulda intelligente não manteria a indispensavel actividade mas a mais energica, se não tivessem huma tal ou qual distracção. Plutarco diz que o grande Pompeu, quando falava, esfregava de continuo a testa com o dedo minimo. Cicero, o mais asombroso orador desde que ha homens, tinha o não habito de coçar o nariz a cada passo com o dedo pollegar. Mirabeau, tão notavel na tribuna da revolução, o unico que chegou a igualar a vehemencia dos antigos, estava sempre a estopetar os cabellos ou a derriçar pelas pregas da guarnição da casaca, a que chamava-mos peiquitos. Vergniaud divertia-se com uns guizos que trazia pendurados da cadea do relógio. Robespierre, malvado, mas iracundo e forte, tocava com ambas as mãos sobre a taboa da tribuna, como se estivesse sentado a hum piano. Sabida he a balda dos poetas improvisadores, que roem as unhas até o sabugo; mas não tanto se tem reparado n'alguns advogados, que a fallar estão dando pulinhos, e ás vezes saltos; e de outros que no mesmo nobre exercicio de sua profissão se em-

baloução e applicão o ouvido, como para esculpir o que dizem? Mas isto são baldas, não crimes, nem erros: oxalá que todos fossem na oratoria como Cicero, e lhes perdoaria nos esses peccados veniaes.

## CHARADAS.

Nos sentidos corporaes }  
Do segundo sou primeira: }  
Sempre em qualquer devoção }  
Nunca sou a derradeira. }  
Dous irmãos de mim nasceo }  
Que em outros se transformarão; }  
Por causa da grande união }  
Que sempre em si conservarão.  
Toda a especie volatil  
A mim deve o seu ser;  
Se eu inutil me tornasse  
Ella iria a pececer.

J. A. M.

Azeda. — 2

Corrente — 2

Campestre.

(A)

Decifração das charadas do n. antecedente.

1. — Estatua. — 2. — Pomar. — 3. — Sa-  
recura.

Novamente rogamos aos nossos assignantes que se achão em debito hajão de mandar pagar a importancia das suas assignaturas.

O — Recreador Mineiro — publica-se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes.

A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.º, sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto: e fora della 7:000 reis annuaes, e 3:500rs per semestre, pagos adiantados, por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correio. Cada numero avulso custará 400 rs. e 1:200rs. levando estampas: as quaes todavia não augmentarão o preço d'assignatura. Subscryve-se na Typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas se fóra, que desejarem subscri-  
vir, podem dirigir se por carta sobre semelhante objecto.

Ouro Preto, 1846 Ty. Imparcial de B. X. P. de Sousa. Numero 616 n.º 9.